



III EBE | III ENCONTRO BAIANO DE CULT | ESTUDOS EM CULTURA



REPRESENTAÇÕES SUBVERSIVAS EM NARRATIVAS ORAIS NA ZONA RURAL DE SÃO FELIPE/BA

*“Se queres saber quem sou,
Se queres que te ensine o que sei,
Deixa um pouco de ser o que tu és
E esquece o que sabes”.*

Hampaté Bá

Paulo Roberto Costa da Silva (Pós-Crítica/UNEB)¹
Orientador: Dr. Daniel Francisco dos Santos (Pós-Crítica/UNEB)²

Resumo

Estudos pós-estruturalistas enfatizam a multiplicidade e a movência do significado, como também identifica a instabilidade da linguagem, sendo o contexto responsável pela identificação da informação. Dentro desta perspectiva, uma narrativa oral como qualquer outra espécie de narrativa pode possuir uma abordagem mais aberta, pois as narrativas orais como espaços de subjetividades constroem mapas imaginários que possuem em seu lastro uma cultura com seus discursos e convenções. Podemos com isso, também sugerir que representações são construídas levando-se em conta os contextos que os indivíduos convivem. Logo, interpretar este diário íntimo acaba direcionando as construções de territórios subjetivos, e dessa maneira, faz-se necessário compreender as condições aos quais os sujeitos que se manifestam estão inseridos. Para dar conta de tal discussão, a proposta tende a guiar-se na perspectiva da história oral e de uma interpretação rizomática, pois vai além de detecção das fontes e influências na literatura oral permitindo, através do mínimo, dos rastros, encontrar indícios de representações subversivas como um discurso questionador e político.

Palavras-chave: História oral, narrativas orais, mapas imaginários.

¹ Mestrando do Programa de Pós-graduação em Crítica Cultural – UNEB – Campus II, Alagoinhas/BA. E-mail: prlet@hotmail.com. Bolsista CAPES.

² Pós-Doutorado - UFPE, Doutor em História pela PUC-SP, faz parte do grupo de pesquisa: Núcleo das Tradições Oraís e Patrimônio Imaterial – NUTOPIA, Email: dafsantos@uneb.br

Tradição oral e História Oral: algumas reflexões

Quando tive a ideia de fazer uma pesquisa sobre tradição oral na zona rural de São Felipe/BA, pude perceber que por meio das narrativas, sujeitos apresentavam uma rica cultura, verdadeiros arquivos pessoais e dinâmicos. Para compreender melhor como eram construídos estes mapas imaginários³, me apropriei da perspectiva adotada pela história oral com intuito de coletar informações acerca do ambiente cotidiano dos entrevistados.

A partir disso, saí a procurar de informantes que me dessem pistas para minha pesquisa. Cada sujeito entrevistado, do seu modo peculiar, apresentava suas características, seu modo de vida, e sua visão de mundo, repletas das tradições que foram passadas de gerações e reconstruídas no cotidiano. Então, adentrar neste meio, neste meandro de infinitas memórias pode-se perceber que é fazer emergir vozes que se apresenta consciente de seu papel como ser que constrói seu espaço cotidiano.

A comunidade narrativa que pesquiso – estudo ainda inicial – compõe-se de homens e mulheres com mais de 60 anos de idade. Sujeitos apontados por meio de membros da comunidade como narradores potenciais, contadores de causos, contos, etc.

Sem um roteiro de perguntas para a primeira entrevista na pesquisa de campo na zona rural de São Felipe, o que me interessava era encontrar informantes que pudesse me dizer como se dava essa experiência dinâmica de transmissão de uma tradição: contar histórias. Este primeiro momento foi para sentir a ambiência local, e a curiosidade era para saber quem eram os ouvintes, quais narradores tinham nesta comunidade, em que momentos as histórias eram narradas e que tipos de narrativas se escutava. Ao passo que a conversa se alongava, informações eram disseminadas, dando outros caminhos que pudessem ser percorridos.

Quanto as narrativas, temas variados apareciam e com isso emergiam possibilidades de aprofundamento destas. Num primeiro momento pareciam ingênuas, mas nas entrelinhas informações apontavam mais do que pareciam ser. Esse caráter de estar aberto a outras possibilidades de olhares fez com que o pesquisador Portelli (2005: p.44) dissesse que as narrativas não se preocupam tanto com a clareza, as distinções, pois estas são o território da confusão, da ambiguidade, do múltiplo e da desordem; são, em suma, o território de como estão realmente as coisas.

Logo, é preciso ter paciência e ser criterioso com as interpretações feitas. Com uma fundamentação teórica mais apropriada podemos mergulhar na perspectiva desta desordem, e da ambiguidade ressaltada por Portelli, apontando estas características como fios condutores,

³ O mapa imaginário acaba se ligando a vida do sujeito que tenta fazê-lo, logo é uma se baseia na subjetividade.

dispositivos que contribuem para que as narrativas ganhem essa dinâmica, se renove e com isso resista ao tempo.

Para Portelli (2005), muitos pesquisadores arrogantes acreditam que suas interpretações sobre a fala e narrativas coletadas em entrevistas orais colocam essas em evidência, dando vozes aos marginalizados, algo que o autor discorda, apontando que é uma ilusão, pois sinaliza que são estes informantes que dão ao contrário vozes aos escritos acadêmicos.

Podemos nos apropriar desta afirmativa de Portelli, entendendo que na metodologia da história oral, por viabilizar uma perspectiva participativa, o depoente é um sujeito que colabora com a pesquisa e, neste sentido, pode ser considerado agente e “objeto” do conhecimento que ajuda a construir. Sendo mais claro: co-autor do trabalho desenvolvido. A saber, a força da história oral tem a perspectiva de escutar os excluídos, esquecidos, ou como alguns costumam chamar: “os derrotados”. Nesta empreitada, cada indivíduo é considerado como um ator da história.

Apesar de percebemos avanços em torno das pesquisas que tem como método a história oral, ainda há muita resistência quanto a utilização deste método de pesquisa como fonte confiável, isso porque passa pela ótica de que a representação como uma construção desvia-se por caminhos subjetivos, não apresentando uma “realidade concreta”.

Neste sentido Verena Alberti (2004: p.9) pontua que muitos não percebem que a história oral tem grande mérito de permitir que os fenômenos subjetivos se tornem inteligíveis – isto é, que se reconheça, neles, um estatuto tão concreto e capaz de incidir sobre a realidade quanto qualquer outro fato.

Diante da necessidade de enfrentar um pensamento que se quer dominante, e autoritário ainda presente no século XXI, que pressiona e tenta silenciar vozes, o pesquisador Alessandro Portelli⁴ faz uma reflexão para pensar de que maneira a história oral pode ser uma alternativa crítica, uma presença radical no século XXI. Por isso, este autor acredita na história oral como um método de pesquisa que pode lidar com a memória de indivíduos desafiando essa memória que se concentra em mãos restritas e profissionais. E sinaliza que:

(...) parte de nosso desafio é o fato de que realmente encaramos a memória não apenas como preservação da informação, mas também como sinal de luta e como processo em andamento. Encaramos a memória como um fato da história; memória não apenas como um lugar onde você "recorda" a história, mas memória "como" história. (PORTELLI, 2005: p.69)

Fica evidente na fala deste autor que há uma desconfiança que precisa ser deixada de lado, pois as memórias trazidas pelos depoimentos coletados em entrevistas de história oral têm

⁴ Memória e diálogo: desafios da história oral para a ideologia do século XXI.

tanto valor quanto documentos escritos. Dessa forma, “os que contestam a fonte oral travam combates ultrapassados”, diz Philippe Joutard.⁵

Nesta mesma perspectiva, A. Hampaté Bâ (2010: p.168) ressalta que entre nações modernas, onde a escrita tem precedência sobre a oralidade, onde o livro constitui o principal veículo da herança cultural, durante muito tempo julgou-se que povos sem escrita também eram povos sem cultura.

O autor em questão situa a mesma problemática quanto a fidedignidade dos documentos orais colocadas por outros pesquisadores, porém pontua que o testemunho, seja ele na modalidade escrita ou oral, em seu fim não passa de um testemunho humano, portanto, “vale o que vale o homem”.

Não faz a oralidade nascer a escrita, tanto no decorrer dos séculos como no próprio indivíduo? Os primeiros arquivos ou bibliotecas do mundo foram o cérebro dos homens. Antes de colocar seus pensamentos no papel, o escritor ou o estudioso mantém um diálogo secreto consigo mesmo. Antes de escrever um relato, o homem recorda os fatos tal como lhe foram narrados ou, no caso de experiência própria, tal como ele mesmo os narra (BÂ HAMPATÉ, 2010: p.168).

O que A. Hampaté Bâ procura sinalizar é que entre palavras e coisas há muito mais do que podemos interpretar, pois o homem como ser dotado da capacidade de nomear e instituir suas verdades, mesmo com toda durabilidade da escrita, também tem seus devaneios que podem estar presentes no que fica como documento.

Além disso, os próprios documentos escritos nem sempre se mantiveram livres de falsificações ou alterações, intencionais ou não, ao passarem sucessivamente pelas mãos dos copistas – fenômeno que originou, entre outras, as controvérsias sobre as “Sagradas Escrituras”. O que se encontra por detrás do testemunho, portanto, é o próprio valor do homem que faz o testemunho, o valor da cadeia de transmissão da qual ele faz parte, a fidedignidade das memórias individual e coletiva e o valor atribuído à verdade em uma determinada sociedade. Em suma: a ligação entre o homem e a palavra (BÂ HAMPATÉ, 2010: p.168).

Alguns pesquisadores dentro desta temática que gira em torno da história oral, pontuam que esta se configura em outras áreas como tradição oral, história de vida etc. O pesquisador J. Vansina (2010: p.140), conhecedor desta temática sinaliza que a tradição oral é um testemunho transmitido oralmente entre gerações. E tem como características peculiares o verbalismo e sua maneira de transmissão, na qual difere das fontes escritas. Para este autor, não é fácil encontrar uma definição que dê conta do que vem a ser tradição oral em todos os seus aspectos.

Para Alberti (2004: p.27), há autores que fazem clara distinção entre tradição oral e história oral. A primeira incluiria narrativas sobre o passado universalmente conhecidas numa cultura, enquanto o testemunho ou a entrevista da história oral se caracteriza por versões que não são

⁵ Ver: JOUTARD, Philippe. Desafios à história oral do século XXI. 2000: p.33

amplamente conhecidas. Neste sentido a autora recorre para dizer que há todo um conjunto de pesquisadores que chama a atenção para o fato da tradição oral só se atualizar no momento da narrativa. Então para a pesquisadora, tradição oral e história oral têm bastante proximidade, principalmente se tomar as entrevistas como ações (ou narrações), e não somente como relatos do passado.

Dessa forma, em todas as partes, cresce o interesse pelas discussões que envolvem a oralidade como forma de se entender os indivíduos em sua subjetividade, vivências coletivas e como sujeito histórico-social. O que J. Vansina (2010) chama a atenção é que algumas distorções quanto à transmissão oral, para preencher algumas lacunas, tendem a acontecer. Então, este ressalta que toda tradição tem sua própria superfície social, sabendo disso o pesquisador precisa ter certo conhecimento do tipo de grupo social que irá estudar para se instrumentalizar coerentemente com a situação que o espera. Dessa maneira, a coleta de informações sobre uma dada tradição requer, como diz o autor citado, muito tempo, paciência e reflexão.

Um estudioso que trabalha com tradições orais deve compenetrar-se da atitude de uma civilização oral em relação ao discurso, atitude essa, totalmente diferente da de uma civilização onde a escrita registrou todas as mensagens importantes. Uma sociedade oral reconhece a fala não apenas como um meio de comunicação diária, mas também como um meio de preservação da sabedoria dos ancestrais, venerada no que poderíamos chamar elocuições-chave, isto é, a tradição oral. A tradição pode ser definida, de fato, como um testemunho transmitido verbalmente de uma geração para outra. Quase em toda parte, a palavra tem um poder misterioso, pois palavras criam coisas. Isso, pelo menos, é o que prevalece na maioria das civilizações africanas (VANSINA, 2010: p.139-140).

Para J. Vansina (2010), as tradições desconcertam o historiador contemporâneo – imerso em tão grande número de evidências escritas, mas podemos alongar esta observação, estendendo para outras áreas de estudos, a exemplo do campo de letras, que por muito tempo deu pouco valor a poética oral, principalmente num espaço como o nordeste que tem a oralidade como patrimônio.

Reconhecer fatos que passam despercebidos é o que a pesquisadora Alberti (2004: p.10) alerta quando diz que “antes de tudo, é preciso saber “ouvir contar””. Por esta perspectiva a autora tem claro que as narrativas expressas podem levar o pesquisador atento para além do conhecimento, não só de mais uma versão do passado, como também ajuda a compreender algo sobre a realidade dos sujeitos envolvidos.

Tendo em mãos um repertório de narrativas, fazer os recortes necessários, interpretá-los, torna-se uma atividade importante para um direcionamento do trabalho, pois as narrativas constituem-se de micro-relatos, representações, modos de viver. Dentro da abordagem de uma metodologia em história oral Alberti (2004), pontua que este método é genuinamente hermenêutico, já que procura compreender aspectos, buscando um sentido mais profundo das coisas.

Em contraste com o paradigma estruturalista que constitui modelos arquetípos para dar conta de processos culturalmente construídos, a metodologia em história oral examina e procura interpretar o conteúdo das narrativas orais sem deixar de valorizar os aspectos subjetivos dos indivíduos, seu modo de vida.

Mapas imaginários: representações da subjetividade narrativa

Afinal de contas, o que vem a ser estes mapas imaginários? Em que eles podem nos ajudar? Como são construídos? As memórias que perpassam por estes mapas imaginários são fieis as construções que expressamos? Com tantas questões, temos que ir por partes.

Então, de antemão podemos começar dizendo que estudos pós-estruturalistas enfatizam a multiplicidade e a movência do significado, e identifica a instabilidade da linguagem, sendo o contexto responsável pela identificação da informação. Uma narrativa oral como outra, dentro desta perspectiva tem uma abordagem mais aberta, guiando-se por métodos diferentes para uma interpretação mais profunda.

As narrativas orais como espaços de subjetividades constroem mapas imaginários que possuem em seu lastro uma cultura com seus discurso e convenções. Podemos com isso, também sugerir que representações são construídas levando-se em conta os contextos que os indivíduos convivem.

Dessa forma podemos começar apontado que mapas são representações, conteúdos apreendidos pelos sentidos, pela imaginação, pela memória ou pelo pensamento⁶. Falar em mapas imaginários pressupõe-se dizer que é algo que se constrói a partir do inventar, idealizar; um conjunto de símbolos atribuídos a um grupo social. Dessa maneira, este conceito se liga diretamente a vida do sujeito, atribuindo a este a capacidade de recriar suas experiências num determinado tempo e espaço.

Interpretar este diário íntimo acaba direcionando as construções de territórios subjetivos, e dessa maneira, faz-se necessário compreender as condições e o contexto ao qual o indivíduo está inserido.

Como função de tornar visíveis sentimentos, a realidade, vidas e o cotidiano de sujeitos, estes mapas servem como dispositivos que nos ajudam a localizar lembranças que estão armazenadas na memória. Como um filme que se produz a partir de recortes, esta memória que emerge desta construção provocada pela tentativa de mapear fatos demonstra o mundo vivido dos indivíduos, suas referências e sua tomada de posição junto ao contexto que o cerca.

⁶ Novo Dicionário eletrônico Aurélio da Língua Portuguesa corresponde à 3ª edição, 1ª impressão da Editora Positivo. 2004.

As representações que se configuram a partir dos mapas imaginários têm relação direta com a composição reformulada pelo olhar dos indivíduos sobre suas memórias, como vê seu lugar. Então, ouvir a partir do narrado e, interpretar esta voz que soa é também compreender um pouco da experiência de vida de quem nos conta algo.

Benjamin (1994: p.200) ao falar sobre o narrador – clássico – pontua que este tem papel fundamental na construção em meio ao grupo do qual faz parte, pois, com sua experiência pode aconselhar, ensinar e tendo tudo isso como algo concreto de sua prática. É neste sentido que o autor ressalta a grandeza da oralidade, afirmando que “o narrador retira da experiência o que ele conta: sua própria experiência ou a relatada pelos outros. E incorpora as coisas narradas à experiência dos seus ouvintes” (idem, 201).

Para Lima (2005: p.61), a personalidade do narrador se afirma e se alarga na hora de contar. Mas não se pode separar o conto do narrador, do seu universo e do seu público. Visto que este organiza um saber que foi transmitido pela memória e com isso se torna agente de transmissão de uma tradição. Como dizia o próprio Benjamin (1994: p.213), “quem escuta uma história está em companhia do narrador”. E como nas narrativas orais, ou no que podemos chamar de contos populares, o autor é geralmente desconhecido, vale dizer que quem compartilha esta escuta atenta também está em uníssono com vozes que contribuíram para que a tradição fosse dinâmica, chegando a muitos lugares.

A função criativa de que dispõe um narrador coloca-o como um construtor de realidades imaginárias, pois ouvir e contar histórias têm sido apontados por educadores como ótimos exercícios para o desenvolvimento identitário de crianças. Desenvolver o imaginário, socializar percepções sobre o mundo, são situações que podem ser apreciadas em narrativas de tradição oral.

O passado imaginário, as representações subjetivas construídas a partir dos contos orais, as vivências que narradores transmitem com suas histórias, ou causos podem hoje ser estudadas a partir de lógica de compreensão do que pode ser enunciado.

Se tal formulação de mapas imaginários tem valor que envereda pela mentira ou verdade dos fatos narrados, o que se pode questionar sobre a ocorrência não se resume na fidedignidade ou não do dito, mas no porque da escolha.

Literatura oral: lastro de tradições e experiências

Por ter um contato com a comunidade que pesquiso, e também por já ter escutado muitas narrativas transmitidas por moradores da localidade, alguns passos foram mais tranquilos, no entanto, foi necessário procurar fontes bibliográficas sobre o assunto para melhor compreender a lógica de uma pesquisa de campo baseado em tradição oral. Dessa forma,

compreendendo que minha função ali era de escutar as narrativas tradicionais daquele povo, procurei estar mais a vontade possível, assim como deixar que os informantes mais livres para falarem sobre suas experiências nesta arte de contar histórias.

Com intuito de refletir como os contos da tradição oral podem ainda encontrar espaços que favoreçam a sua permanência na contemporaneidade, como uma teia cultural que reflete a memória coletiva, enveredei pelas entrevistas adentro, e as primeiras interpretações surgiam espontaneamente sobre as narrativas, levando-me para outras possibilidades.

Em minha mente construía alguns mapas, pensado no cotidiano em que estávamos inseridos. Em seus contextos as narrativas davam evidências de tensões sociais e, como os textos orais é fruto de uma construção coletiva, atualizada pelo narrador momento de sua performance, muito das situações locais vividas pelo narrador podem representar a superfície social deste como de uma coletividade. Nesta perspectiva Alcoforado (2008b: p.112) diz que:

(...) o texto da literatura oral é fruto do trabalho de recriação que uma individualidade opera em um texto virtual, que traz na memória, atualizando-o a situações locais, por conceber que esse patrimônio cultural, armazenado na memória coletiva, não tem dono, é propriedade de todos. Dessa forma, ao transmiti-lo como coisa sua, o transmissor se dá o direito de nele intervir. Esse complexo de vozes e registros, carreado para o texto tradicional no momento da sua recriação, representa o encontro do eixo sintagmático com o paradigmático, quando a tradição se atualiza por meio do discurso de um enunciador.

Dessa forma, compreender o texto oral como um dispositivo vivo que ensina, e transmite informações é está de acordo que este pode nos levar para além de uma versão narrativa, ou seja, nos possibilita apreender algo sobre a realidade que ele ocorre.

Em encontros em casas de farinha, quando os indivíduos se reúnem para abrir um brejo, ou no roçado do dia a dia, estas narrativas se mantém viva e com a funcionalidade não só de divertir, mas também de ensinar por meio do teor de crítica que muitas trazem nas entrelinhas.

Alcoforado (2008b) sinaliza que estes textos possuem uma relação íntima com a comunidade que a narra, pois acompanha o pulsar de seus sentimentos, participa do cotidiano e com isso faz com que as pessoas vivenciem estas experiências que são passadas dos mais velhos para as gerações mais novas.

Na obra: *“Belas e Feras Baianas: um estudo do conto popular”*, a autora pontua que na formação da literatura brasileira, houve transplantação de valores europeus, da tradição oral ibérica, vindos e disseminados pela memória do português em terras brasileiras.

A tradição oral que aportou no Brasil com os portugueses tem origens em fontes remotas, longínquas e diversificadas, que durante a Idade Média, penetraram e disseminaram por toda a Europa. Essa tradição foi aos poucos acomodando-se à paisagem física e sociocultural do país em formação, atualizando-se e recriando-se, incorporando traços de diferentes etnias que aqui se confrontaram e mesclaram, delineando, com o tempo, uma nova realidade cultural (ALCOFORADO, 2008a: p.46).

Esta formação da literatura oral brasileira que a autora nos fala, tomando como base nossa formação enquanto híbrido, pluriétnica e multicultural leva-nos a refletir sobre as “matrizes que vão além da contribuição europeia, que por muito tempo se impôs como dominante, pelo fato de esse repertório estar publicado em livros”⁷. Para Azevedo⁸, pode ser uma perda de tempo pretender identificar a “verdadeira origem dos contos populares, devido sua riqueza e sua complexidade passada de boca a boca, e de ser típicos de culturas orais”.

Seguindo este linha de pensamento, Marie-Louise Von Franz (1990: p.8), ao falar do sucesso que a coleção dos Irmãos Grimm fizeram quando publicados, diz que em várias partes da Europa começaram a surgir coleções de histórias e contos de fada. “De repente todo mundo estava perplexo com o número enorme de temas que se repetiam. Os mesmo temas, em milhares de variações apareciam tanto nas coleções da França como da Rússia, Finlândia e Itália”.

Numa perspectiva mais histórica e científica, tomando como base a repetição de vários temas, pesquisadores se debruçaram numa tentativa de responder de onde haviam se originado os contos e quando teriam migrado. Franz (1990: p.8) diz que:

Theodor Benfey (*Kleinere Schriften zur Märchen Forschung*, Berlim, 1894) tentou provar que todos os temas dos contos de fada se originaram na Índia e migraram para a Europa, enquanto outros como Alfred Jensen, H. Winkler e E. Stucken argumentavam que todos os contos de fada eram de origem babilônica e que tinham se espalhado pela Ásia Menor e de lá para a Europa. Muitos tentaram construir tais teorias. Um dos resultados foi a criação do Centro Folclórico, a escola finlandesa, cujos primeiros representantes foram Kaarle Krohn e Antti Aarne. Estes dois homens afirmavam que era impossível determinar um país somente onde os contos de fada teriam se originado e que diferentes contos poderiam provir de diferentes países.

O que podemos notar com isso, é que essa tentativa de encontrar um ponto inicial para uma manifestação coletiva, principalmente se passada de boca a boca, é uma tarefa que parece não ter finalidade, devido a antiguidade desta tradição.

Franz (1990) com sua obra “*A interpretação dos contos de fadas*”, ao tratar sobre a antiguidade dos contos de fada, sinaliza que na Europa, eles costumavam ser a forma principal de entretenimento para as populações agrícolas na época do inverno. E que contar contos de fada tornou-se uma espécie de ocupação espiritual essencial.

Sobre a tradição oral brasileira, Alcoforado (2008a) pontua que as narrativas orais, a partir da segunda metade do século XIX, começam a circular em maior número de leitores por meio de

⁷ CABRAL, Márcia. MENDONÇA, Rosa Helena. Conto e reconto: literatura e (re)criação. In: <http://tvbrasil.org.br/fotos/salto/series/151433Contoreconto.pdf> acessado em 21 de Fev. de 2012

⁸ Artigo escrito originalmente para o programa educacional “Salto para o futuro” e disponível no site <http://www.tvebrasil.com.br/salto>. Publicado em Revista Releitura. Publicação da Biblioteca Pública Infantil e Juvenil de Belo Horizonte. Abril, nº 21, 2007. ISSN 1980-3354.

jornais, publicações feitas por Couto de Magalhães que traz mitos indígenas. Mas foi Silvio Romero que fez a primeira recolha como marco inicial para pesquisas sobre oralidade no Brasil, pois traz uma amostra de qualidade que documenta um estágio da memória popular, o que fez com que este autor seja uma das referências para o estudo e pesquisa sobre o conto popular no Brasil.

Ainda assim, só a partir da década de 1970, que as universidades vão fazer pesquisas e recolhas de narrativas da tradição oral brasileira, ênfase dada por Alcoforado (2008a) para a Universidade Federal da Paraíba, que segunda a autora, fez uma pesquisa pioneira no país. A partir da década de 1980, o Programa de Estudos e Pesquisa da Literatura Popular da UFBA deu início na recolha e estudos de narrativas orais em vários cantos da Bahia, abrindo espaços para reflexões mais profundas sobre a temática, dando condições para que outros pesquisadores pudessem mapear e interpretar estas manifestações populares.

Dando continuidade na recolha de narrativas orais no recôncavo da Bahia, podemos perceber que na zona rural de São Felipe há espaços para narrativas diversas: parlendas, contos, causos. E como em outros lugares, já teve a fase em que muitas pessoas juntavam-se ao redor de um narrador ou narradora para escutar suas histórias. Estas narrativas serviam como lazer, informava como também tinha a utilidade de uma educação não formal.

Numa pesquisa de campo, D. Maria de Jorge, nos narra um dos contos que fazia parte do repertório dela. Dizia a narradora que um homem tinha em sua casa um nicho⁹ muito grande e que a mulher deste o traia toda vez que ele saía. Certo dia, então, ele chegou e o amante ainda estava dentro de casa. Para o marido não pegar o flagrante, a mulher escondeu o amante no nicho, e mandou que ele ficasse parado, como a estatua de São Benedito. Quando o marido entrou, ela fez questão de mostrar logo a imagem, ressaltando que tinha chegado um pessoal e deixado aquela imagem linda do santo. Então ele se benzeu, fez o sinal da cruz, e falou que aquela imagem era realmente muito formosa, depois disso foi dormir. No outro dia, o marido perguntou sobre o santo, e a mulher respondeu que ele tinha saído para fazer milagre. Nesta saída, o amante tinha esquecido o facão, mas a mulher sabendo da necessidade de entregar o instrumento de trabalho do amante coloca-o no pé da abóbora no funda da casa. Para avisar da localização do facão, já que o marido estava em casa, ela pegava o menino no colo para brincar e começava a cantar uma cantiga de roda, saltando a criança na barriga dizendo o seguinte:

“Oh menino bonito, cadê seu facão?
Seu facão tá em boba¹⁰, ô, ô
Seu facão tá em boba”.

Com isso, o canto serviu de treita para que o sujeito pegasse seu facão e fosse embora.

⁹ Cavidade aberta em parede para colocação de imagem, vaso.

¹⁰ Referente a abóbora.

Neste conto, que a narradora não soube me dizer o título, mas me encarreguei de nomeá-lo de “São Benedito”, D. Maria de Jorge traz um exemplo da tentativa de inverter uma realidade, mesmo que esta seja apenas no imaginário popular. Na realidade concreta da comunidade onde narradora reside, como em toda sociedade baseada no patriarcalismo, o homem é o único que “pode ter seus desejos traduzidos em realidade”, certos traços sociais são naturalizados, enquanto outros são censurados.

Nesta comunidade, a mulher estava relegada a casa, o duro trabalho doméstico, cuidar dos filhos e, a vida mais social que ela possuía limitava-se ao contexto religioso com vizinhos, compadres e comadres. Ao contrário disso, o homem experimentava e vivia, muitas vezes, uma vida paralela ao casamento, sem que isso fosse visto com “maus olhos”.

É a partir deste contexto que a história contada por D. Maria de Jorge se entrelaça, colocando em questão a problemática da traição feminina. Se a mulher na realidade concreta ainda é subordinada, limitada a alguns espaços sociais, precisando dar satisfação de seus paços, na lógica deste conto, a situação é bem diferente. Esta narrativa mostra sua outra face: um desejo de liberdade, de inversão da realidade. Pois a mulher neste conto é uma astuta, se utiliza da malandragem para ludibriar o marido e manter seus relacionamentos fora do casamento.

A malandragem é um jogo, por esse motivo, a personagem feminina deste conto muda as regras existentes, colocando o jogo ao seu favor, desobedecendo a uma norma construída pela ótica patriarcal e permanentemente estruturada na memória de gerações.

Com astúcia e rebeldia, a mulher finge que obedece a um código moralista dominante, e dessa forma, com malícia, procura minar as relações de opressão, desconstruindo uma verdade colocada e instituída. É por meios de risos que a narradora termina o conto, porque sabe o que é ludibriar uma ordem vigente, uma imposição construída pelo meio social.

Com extraordinária capacidade de abordar problemas cotidianos, o conto popular narrado por D. Maria traz para a cena da vez uma situação que lida com um conjunto de regras de conduta consideradas como válidas. Este conceito pode resumir-se no que podemos chamar de moral. Longe de ser uma narrativa taxada de politicamente incorreta – por trazer uma mulher que trai o marido – este conto propõe uma reflexão a luz de uma teoria mais específica que traga para a discussão o contexto histórico e cultural que é narrado, considerando sua especificidade.

Seguindo o que Benjamin destaca sobre figura do narrado como um mestre e sábio, podemos perceber que nas narrativas orais, o lastro de experiências que estes trazem são acervos não só de suas vidas, mas de experiência alheias, do que ouviu contar. Dessa forma, este também deixará uma mecha de sua vida nas de outros indivíduos que conseqüentemente fará provavelmente o mesmo, seguindo uma tradição.

Considerações finais

Por muito tempo tivemos uma perspectiva de estudos aprisionada nas estruturas de poder, na procura de uma “legítima verdade”. Estudos vão avançando e conseqüentemente barreiras precisam ser ultrapassadas para dar lugar a outros olhares. Nos espaços científicos, lugar da “seriedade e neutralidade”, a subjetividade não tinha vez, nem voz. E dentro de um processo de hierarquização a escrita reinou como prova da verdade, enquanto o oral passava pela desconfiança, não sendo aceito como documento válido.

Pesquisadores ainda hoje acreditam mais na confiabilidade dos documentos escritos do que das fontes orais. Mas se tomamos como base que todos os dois passam pela ótica humana, podemos também lembrar que ambos estão sujeitos a falhas, desvios da “verdade”.

Em algum momento estas informações passam pelo crivo da representação, da subjetividade, e quando se tem más intenções, reforça a manipulação do que é posto. Qualquer documento é susceptível a falhas, resta ao pesquisador ter coerência com o que busca, tendo critérios para a escolha das informações, algo que se expande para qualquer fonte de pesquisa.

Tendo nesta pesquisa as narrativas da tradição oral como base, procuro construir um caminho que favoreça olharmos as narrativas orais como um espaço de estudo da cultura. Logo, ir além do que se mostra nas primeiras camadas dos textos orais faz-se necessário a interlocução de diferentes disciplinas para uma melhor interpretação e aquisição de outros conceitos.

Ouvir o que os informantes contam sobre suas tradições, experiência e vivências, criando espaços de diálogos no que refere a voz dos que estão as margens configura-se como um noção política, que já vem sendo realizada por pesquisadores em todo o Brasil, e especificamente na Bahia. Personagens como Doralice Alcoforado já fizeram diferenças na temática contribuindo para que pesquisadores mais jovens tivessem oportunidade de perceber nas narrativas orais o ato político que nos espera.

As experiências cotidianas que emergem nas narrativas orais demonstram indícios da riqueza que a memória coletiva nos apresenta. Implícita, ou explicitamente, nestas narrativas são levantadas questões referentes a verdades impostas dentro de um contexto. Numa perspectiva imagética de um rizoma, podemos visualizar estes textos da tradição oral como um sistema aberto de agenciamentos com infinitas possibilidades de interpretação, pois, estes são amplos. Como um mapa e não como um decalque, as narrativas orais possuem múltiplas entradas que podem ser exploradas descortinando novas facetas.

REFERÊNCIAS

- ALBERTI, V. *Ouvir contar: Textos em história oral*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.
ALCOFORADO, D. *Belas e feras baianas: um estudo do conto popular*. Salvador: Fundação Pedro Calmon, 2008a. (Coleção Selo Letras da Bahia)

- ALCOFORADO, Doralice Fernandes Xavier. Literatura oral e popular. Boitatá – Revista do GT de Literatura Oral e Popular da ANPOLL. Número especial – ago/dez de 2008b, p.110-116
- ARCHELA, S. Roseli, Gratão, H.B. Lúcia e Trostdorf, S Maria. *O lugar dos mapas mentais na representação do lugar*. Revista Eletrônica – V.13, n.1, jan-jun e 2004. Londrina. Disponível no site <http://www.geo.uel.br/revista> acessado em 21 de Fev. de 2012.
- ARFUCH, Leonor. *O espaço biográfico: dilemas da subjetividade contemporânea*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010.
- AZEVEDO, Ricardo. Conto popular, literatura e formação de leitores. In: <http://www.tvebrasil.com.br/salto>). Publicado em Revista Releitura. Publicação da Biblioteca Pública Infantil e Juvenil de Belo Horizonte. Abril, nº 21, 2007. ISSN 1980-3354.
- BÂ HAMPATÉ, A. Tradição Viva. In: KI-ZERBO, J. *História Geral da África, I; metodologia e pré-história da África*. 2.ed. rev. – Brasília : UNESCO, 2010, pp.167-212.
- BENJAMIN, Walter. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: *Magia e Técnica, Arte e Poética. Ensaios sobre literatura e História da Cultura*. São Paulo: Brasiliense 1994.
- CABRAL, Márcia. MENDONÇA, Rosa Helena. Conto e reconto: literatura e (re)criação. In: <http://tvbrasil.org.br/fotos/salto/series/151433Contoreconto.pdf> acessado em 21 de Fev. de 2012.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Vol. 1. São Paulo: Ed.34, 2009.
- FRANZ, Marie-Louise Von. *A interpretação dos contos de fada*. Trad. Maria Elci Spaccaquerche Barbosa. São Paulo: Paulus, 1990. — (Coleção amor e psique)
- JOUTARD, Philippe. Desafios à história oral do século XXI. In FERREIRA, Marieta de Moraes [e outros] (org.) *História oral: desafios para o século XXI*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz/Casa de Oswaldo Cruz / CPDOC - Fundação Getulio Vargas, 2000, p.31-46.
- LIMA, Francisco Assis de Sousa. *Conto popular e comunidade narrativa*. São Paulo: Terceira Margem; Recife: Fundaj, Massangana, 2005.
- PORTELLI, A. A lógica das narrativas e a aprendizagem da diferença na pesquisa de campo. In: *Oralidade e subjetividade: os meandros infinitos da memória*. PB: EDUEPB, 2005. p. 47-54
- PORTELLI, Alessandro. Memória e diálogo: desafios da história oral para a ideologia do século XXI. In: FERREIRA, Marieta de Moraes [e outros] (org.) *História oral: desafios para o século XXI*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz/Casa de Oswaldo Cruz / CPDOC - Fundação Getulio Vargas, 2000, p.67-71.
- VANSINA, J. A tradição oral e sua metodologia. In: KI-ZERBO, J. *História Geral da África, I; metodologia e pré-história da África*. 2.ed. rev. – Brasília : UNESCO, 2010, pp. 139-66.